

RELAÇÕES DE GÊNERO: IDENTIFICAÇÃO DA DESVALORIZAÇÃO FEMININA EM LETRAS DE MÚSICAS POR ALUNOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO RIO DE JANEIRO

Leandro Barbosa Campos, Flavia Bispo Almeida e Patrícia do Socorro de Campos Silva.
Alunos de Mestrado em Ensino de Ciências do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), *Campus Nilópolis*

leandro-professor@ig.com.br; flaviaang@ibest.com.br; patt.help@gmail.com.

RESUMO

Algumas pesquisas mostram que as relações de gênero em canções populares podem enaltecer ou desvalorizar e até mesmo violentar a mulher. O presente trabalho teve o objetivo de verificar se os alunos de uma escola pública municipal do Rio de Janeiro identificam a desvalorização feminina neste gênero musical e como interpretam nas letras de uma música de funk o gênero feminino. Constatou-se na pesquisa que a maioria dos alunos identificaram que a letra da música faz referência a ambos os sexos e que nos discursos dos meninos e meninas evidencia-se o desrespeito às mulheres. A visão do homem conquistador e poderoso é revelada no discurso dos participantes. Na análise dos discursos, os alunos perceberam que o autor da música fez uso do teor sexual/erótico para chamar atenção dos ouvintes. O artigo evidencia a discriminação e o preconceito de gênero presente na música analisada e percebeu-se que a escola como espaço de formação precisa se posicionar, propor atividades e discutir o tema objetivando a redução das desigualdades de gênero

PALAVRAS-CHAVE: relações de gênero – música - estudantes

INTRODUÇÃO

Gênero é um elemento construído culturalmente, diz respeito à codificação e decodificação que um grupo social faz das diferenças sexuais e de seus significados (SCOTT, 1995). “É o conjunto daquilo que se pensa sobre o masculino e o feminino” (QUAD, 2003, p.55).

Algumas pesquisas mostram que as relações de gênero em canções populares podem enaltecer ou desvalorizar e até mesmo violentar a mulher (ARAÚJO, 2013; NASCIMENTO, 2008) legitimando comportamentos que a violam e a constrangem (ROCHA, FAZENDA, 2014). Entra em campo a importância da linguagem presente na letra das músicas; segundo

Louro (1997) “a linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os institui; ela não apenas veicula, mas produz e pretende fixar diferenças” (p. 65).

Assim como os demais temas, a relação de gênero na escola reflete a cultura social da comunidade escolar e da realidade dos alunos, por isso mesmo não podemos admitir a escola como um espaço neutro, mas pelo contrário, devemos entendê-la como um ambiente permeado por contradições e conflitos (GOMES, 1996) que precisam ser considerados e devem ser problematizados visando à redução da desigualdade entre os gêneros.

Educadores e educadoras precisam identificar o currículo oculto que contribui para a perpetuação de tais relações. A escola tem a responsabilidade de não concorrer para o reforço e o aumento da discriminação e dos preconceitos contra as mulheres e contra todos aqueles que não correspondem a um ideal de masculinidade e feminilidade dominantes. (RIO DE JANEIRO, 2009, p. 29)

Diante disso, e da realidade escolar em que os autores do presente trabalho estão inseridos, onde alunos e alunas apreciam diversos gêneros musicais dentre eles o funk, este trabalho tem como objetivo verificar se os alunos de uma escola pública municipal do Rio de Janeiro identificam a desvalorização feminina neste gênero musical e como interpretam nas letras de uma música de funk o gênero feminino.

METODOLOGIA

Esta pesquisa teve a participação de 20 alunos do Ensino Fundamental, de uma escola municipal situada no município do Rio de Janeiro, sendo 10 meninos e 10 meninas e se desenvolveu em quatro etapas:

A primeira etapa se deu com aplicação de um simples questionário fechado que continha as seguintes perguntas:

1 - Qual o ritmo que você mais gosta? Enumere de acordo com o seu grau de preferência.

As opções de respostas eram: MPB (Música Popular Brasileira), Sertanejo, Rock, Funk, Pagode, Samba, Bossa Nova, Axé e Outros.

2 - Cite a música ou o artista de acordo com a sua preferência na questão anterior.

Esta pergunta teve como objetivo fazer o levantamento sobre a preferência musical dos alunos. Os gêneros musicais mais votados foram o pagode e o funk e os artistas mais citados foram o pagodeiro Thiaguinho e o funqueiro Mc Nego do Borel.

A segunda etapa foi buscar músicas destes dois cantores que pudessem expressar algum tipo de violência de gênero. As músicas do pagodeiro Thiaguinho em geral são românticas e falam do amor pela mulher amada. Já as músicas do Mc Nego do Borel são do chamado Funk ostentação e também apresentam frases de cunho sexual. Por esse motivo decidimos por utilizar uma música deste último cantor. Escolhemos a música que apresentava a menor quantidade de palavras inadequadas, intitulada como “Os caras do momento” de autoria do próprio.

A terceira etapa foi a aplicação do questionário que continha a letra da música e sete questões abertas. Uma das autoras fez a leitura das questões junto com os alunos visando minimizar as dúvidas sobre alguns termos utilizados, esta também disponibilizou um dicionário da língua portuguesa para o uso dos alunos.

Na quarta etapa foram analisadas as respostas dos alunos através de um método qualitativo (BOGDAN, BIKLEN, 1994) do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) (LEFEVRÈ, LEFEVRÈ, 2003) no qual os discursos individuais dos sujeitos são coletados e após serem analisados individualmente são tabuladas as expressões-chave e ideias centrais encontradas neles para posteriormente congregar discursos semelhantes entre si para compor um único discurso que representa o discurso coletivo do grupo pesquisado. Os que se referem aos depoimentos dos meninos estão apresentados com a sigla DSC–H, enquanto os das meninas pela sigla DSC–M

Optamos por esta metodologia porque acreditamos que o discurso de um indivíduo é formado pelos discursos, pelas vozes dos seus pares, assim um único discurso carrega consigo uma coletividade (BAKHTIN, 1997), logo o discurso de um grupo de alunos pode nos revelar o discurso e o entendimento de um coletivo ainda maior que pode ser composto por aqueles com os quais estes alunos convivem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Procurou-se verificar qual gênero os alunos identificavam na letra da música. A análise das respostas mostrou que a maioria dos meninos (5 alunos) identificaram que a música se refere a ambos os gêneros; quatro alunos identificaram somente o sexo feminino e apenas um aluno afirmou se referir ao gênero masculino. A maioria das meninas (7 alunas)

identificaram que a música faz referência aos dois gêneros; duas alunas acreditam que apenas o sexo feminino é referenciado e uma que a música fala apenas sobre o gênero masculino (Figura 1).

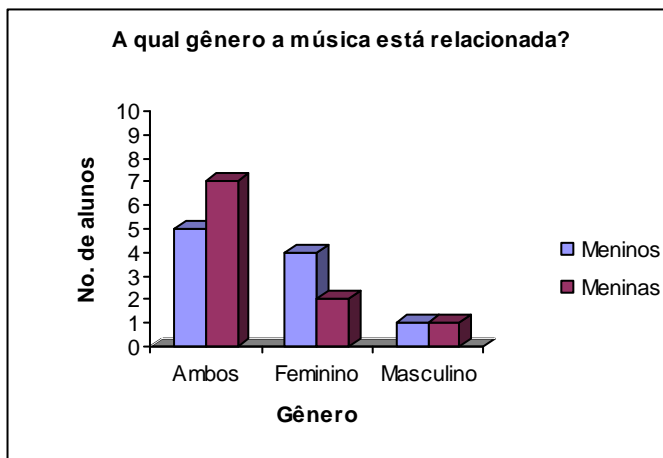


Figura 1: Identificação pelos alunos sobre a qual gênero a música se refere.

Em relação a recursos mostraram que para os meninos ela é desrespeitada, rotulada como aquela que tem interesse material, como objeto de desejo sexual e como objeto usado para causar inveja nos demais homens. Para as meninas (7 alunas) a mulher é tratada na música como alguém interesseira, que é usada como objeto descartável e que se comporta como prostituta, vende-se seja pelo dinheiro em si ou pelos bens materiais que um homem possa lhe oferecer. Por outro lado três alunas identificaram que a mulher é vista apenas como alguém que está na moda que lança mão de produtos caros, se favorece com os bens de um homem e assim é desejada por outros homens.

“No funk ela é como piranha. Como prostituta. Como uma meretriz que faz tudo por dinheiro e um pouco de luxo. Como uma mulher de programa. Como objeto de desejo. Como objeto sexual. Chamam ela de vaga. Ela é desrespeitada.” (DSC-H).

“Ela é retratada na música como se fosse um pedaço de carne. Como se fosse um troféu ou um presente. É retratada de qualquer jeito como se fosse um objeto. Como uma mulher fácil que se vende. Como uma mulher qualquer, que fica com todos em troca de dinheiro. É usada e jogada fora; interesseira; como uma mulher que leva sensualidade até no cheiro; se vendem como prostitutas.” (DSC-M1).

“Que ela só anda na moda e todos os caras gostam de cobiçar. Ela tá com o cheiro que faz os caras pensar besteira de Victorias Secret, 212, Carolina Herrera, faz amor comigo, pede para tirar foto com meu ouro.” (DSC-M2).

Em relação como o homem é retratado na letra da música, os discursos mostraram que dos dez meninos entrevistados, nove identificaram que ele é tratado como conquistador, o que tem dinheiro, que está na moda, que pode pagar tudo e conseqüentemente detém o poder. Entretanto, um aluno compreende que somente o cantor tem o poder e os outros homens são retratados como inferiores.

“[...] o homem é tratado como homem de poder. Como o cara o pegador, cheio de dinheiro, cheio de mulher. Como um garanhão [...] um safado pegador. Como quem tem dinheiro quem paga tudo. Como ele é rico e pode pegar todas as mulheres com o dinheiro que ele tem. [Os homens são retratados] como “os caras do momento”. (DSC-H1)

“A não ser o cantor que retratado como um homem que tem pode tudo, os outros são retratados como vagabundos.” (DSC-H2)

No grupo das meninas, também nove discentes identificaram que a letra classifica o homem como aquele que tem o poder, conquista as mulheres deixando-as a seus pés, ele é o cara da moda que possui os melhores bens de consumo e que pode ostentar causando inveja nos outros homens. Uma única aluna acha que o homem é retratado como o normal, mas não conseguimos entender o que ela quer dizer com esta expressão.

“Como ricos; que faz as mulheres se apaixonar; que colocam cobiça e inveja nos homens por terem objetos muito caros. Como se ele fosse o rei do pedaço que ele manda e elas obedecem. Como o maioral que tem tudo do melhor. Um homem que quer ostentar um homem que pega várias mulheres. Como o cara da hora que só pega mulher da hora. Como o que manda e desmanda. Como o cara ostentação, que anda com o carro da moda. Como o [poderoso] que tem tudo e que as mulheres babam no pé dele.” (DSC-M1).

“Normal”. (DSC-M2)

O ambiente sócio-cultural forma o sujeito em suas concepções de gênero. A mídia, os discursos e as relações de poder influenciam no modo de pensar e de agir dos indivíduos, e estas questões não são dissolvidas facilmente (SEBOLD, et al., 2008). Música citada parece surgir como forma de denegrir a imagem da mulher perante a sociedade, limitando-a a puro objeto pornográfico. A maneira de se vestir e a vaidade feminina parece aflorar ainda mais o

discurso de que elas são exclusivamente para serem usadas pelos homens como algo descartável, e os alunos conseguiram identificar isto.

A maioria dos alunos selecionaram trechos da música que mais chamaram atenção devido à presença de palavras obscenas, dos bens de consumo e a mulher sendo retratada como mercadoria. Observou-se que apenas um aluno analisou criticamente que a cultura do Brasil favorece a este tipo de sucesso.

“Que está descrevendo a mal qualidade da mulher.” (DSC-H1)

“Porque fala sobre os objetos que ele tem. Porque fala sobre os objetos que ele tem (carros, roupas e etc) além de mulheres.” (DSC-H2)

“[Porque tem] frases obsenas, palavras inadequadas, mulheres tratadas como mercadorias. Porque fala “quem nasceu para ser cu, nunca vai ser pica”. (porque tem palavrão)”. (DSC-H3)

“Porque ele se refere que a mulher fica com ele por causa de seu dinheiro. Porque cita a mulher como alguém ou algo comprado. Porque tal modo ridículo e nojento de retratar as pessoas e principalmente as mulheres. E graças a cultura ridícula do Brasil que isso faz sucesso.” (DSC-H4)

“Por que eu trecho sem sentido que não fala bem das mulheres”. (DSC-M1)

“A expressão como o poder que ele tem e a expressão como ele cita a mulher. Por que ele fala que ele pode fazer de uma firma pobre, a firma rica”. (DSC-M2)

“Porque tem frases obscenas. Por que no trecho tem muitos palavrões.” (DSC-M3)

“Porque usa uma linguagem muito feia; porque diz que a mulher só está com ele por causa de dinheiro, e fazem sexo por dinheiro e objetos caros, como prostitutas”. (DSC-M4)

“Por que fala da mulher da hora, e o cara do momento.” (DSC-M5)

Nas letras da música há um teor sexual/erótico com palavras obscenas, sempre colocando a mulher como objeto de desejo e sexo explícito. A análise dos discursos dos alunos verificou-se que estes acreditam que o autor optou por este caminho erótico por entender que as palavras de baixo calão, a sexualidade permissiva, os bens de consumo, a moda e a vulgaridade das relações sexuais chamam a atenção dos ouvintes.

“Para chamar atenção para a música. Porque quando uma música tem palavrão tem muitas pessoas gostam.” (DSC-H1).

“Para seduzir homens e mulheres. Para atrair as mulheres, ou seja, seduzir. Porque as mulheres gamam no dinheiro dos Mc.” (DSC-H2).

“[Porque o autor da música]... acha que [é] a coisa mais importante.” (DSC-H3).

“Optou porque os homens querem um dia ser do jeito que ele se descreve. Por que é o que as pessoas querem hoje em dia.” (DSC-H4).

“Porque tem tipos de palavras indecentes”. (DSC-M1).

“Porque é como as pessoas infelizmente se sentem atraídas pelo gênero. Para tentar seduzir uma mulher e para dizer que ele anda na moda. Para influenciar as mulheres a usarem roupas sensuais.” (DSC-M2).

“Eles acham que é a coisa mais importante do mundo.” (DSC-M3).

“Porque hoje em dia a garotada está se acostumando com esse tipo de musica então os MC’s estão fazendo esse tipo de musica para ganhar ibope.” (DSC-M4).

Em trabalho semelhante Magalhães (2008) encontrou na análise das letras de músicas do estilo funk, inclusive de autoras do sexo feminino, alguns adjetivos ligados à obscenidade e à prostituição, relacionando inclusive suas práticas musicais à sua condição social.

Nascimento, 2008 afirma ter encontrado em sua análise de letras de pagode:

“Representações são construídas com base nos papéis sexuais que supostamente a mulher precisa ter no modelo dominante. Quando os estereótipos caminham para outros contextos como a mídia, eles assumem um significado supostamente mais positivo e se legitimam”.

Esta análise também pode ser ratificada nos discursos dos alunos quando perguntados se é possível identificar alguma discriminação ou acentuação de estereótipos de gênero na música e como isso é mostrado:

“Pela linguagem. [Chama a mulher de] vagabunda. [Fala] as mulheres que eu pego são mulher do meu bolso. [...] o homem [chama de] vagabundo.” (DSC-H1).

“[...] mulher da hora, os caras do momento.” (DSC-H2).

“[O homem como] vagabundo, [e] as mulheres [como]...interesseiras. (DSC-M1).

“O cara que se acha e mulher da hora” (DSC-M2).

Na análise do discurso sobre o que os alunos acharam da música, dos dez meninos, seis consideram que a música é apelativa, deprecia as mulheres com ofensas, desrespeitos e insultos. Dentre os seis, um considera a música legal, porém ofende as mulheres. Dois estudantes dos seis, dizem que a música é ruim, que fala mal das mulheres. Uma aluna reconhece que a música é chata, mas as mulheres rebolam bastante com o ritmo. Um discente gostou da música porque ela fala dos bens materiais, das mulheres e que tem bastante ritmo.

Três alunas perceberam que a música se dirige à mulher com xingamentos, diminuem a mulher e a considera como um objeto. Duas alunas consideram a música ridícula, ruim, horrível, porcária, que trata a mulher como um troféu para exibir aos outros e porque não fala bem das mulheres. Duas alunas identificaram o homem como alguém muito importante na música, que se acha o maioral porque possui muito dinheiro e poder.

“Não gosto de música de desvalorizar a mulher e que trata ela como lixo da sociedade. Música que não lhe respeita. [A música tem] teor apelativo com xingamentos e depreciação das mulheres. [Acho a música] ruim [por]que fala mal da mulheres, como são tratadas e por que os homem gosta. Uma coisa ridícula que nem pode se chamar de música. Tantos insultos às mulheres, como elas gostam disso [?]. Isso que dá, [a] falta de estudos, acabam optando para o meio mais simples e burro de ganhar sucesso. [É] uma música sem valor cultural e social nenhum. Por isso não gostei. [A música é] muito chata só que as mulheres se acabam nas reboladas.” (DSC-H1).

“Maneira, mais ofende as mulheres. [A música é] boa, a não ser pela discriminação da mulher chamando ela de vaga e muito mais.” (DSC –H2).

“Gostei. Porque fala o que o homem pode ter (carros, ouro, dinheiro, mulher) e tem bastante ritmo.” (DSC-H3).

“Bom, as palavras [...] são muito eróticas elas, se dirigem à mulher com xingamento. [A música é] ridícula, desnecessária, que trata a mulher como um troféu para exibir pros “AMIGOS”. [...] não fala bem da mulher parece que a mulher é um pedaço de carne etc. É horrível [...] eles se acham os maiorais porque tem dinheiro e poder. [É] horrível por que fala muita besteira e coloca o homem como se fosse algo importante de verdade. [...] fala de prostituição, violência, sensualidade, interesse, inveja, discriminação social. Uma verdadeira porcária isso é poluição sonora, só estão diminuindo a mulher falando mal, esta aí um exemplo de música ruim desse cara aí Mc do Borel, o música ruim, os cara se achando

falando que as mulheres são do bolso dele, fala sério, precisamos de música boa.” (DSC-M1).

“Eu acho uma musica boa musica, mas é por que tem muitos xingamentos e outros tipos...” (DSC-M2).

“Boa, por que em nenhum momento ele ofende uma mulher”. (DSC-M3)

CONCLUSÃO

A partir dos DSCs analisados ficou evidenciado o processo de discriminação e preconceito de gênero presente na música analisada. Isso pode refletir as representações de toda uma sociedade quando torna a mulher alvo de violência sexual, doméstica, social, etc. Observa-se um apelo para a valorização do corpo feminino apenas como objeto de prazer e satisfação dos desejos masculinos. O homem é valorizado em suas relações de poder em detrimento da mulher, cabendo a ela somente o papel passivo, sensível, vulgar e sexual. Verificamos que os próprios alunos conseguem identificar esta desigualdade de gênero e se mostram, em sua grande maioria, avessos a esta postura.

Mas se considerarmos que a voz de um aluno pode refletir a voz de um grupo, que o discurso de um grupo pode refletir o discurso de uma coletividade ainda maior, este grupo analisado destoa do que vivenciamos no cotidiano escolar: o apreço por este tipo de música. Entendemos, portanto que talvez esta seja a primeira vez que estes alunos são instigados a analisar criticamente uma música que é sucesso entre os jovens. Assim, acreditamos que é importante trabalhar as relações de gênero com maior ênfase nos espaços formais, não-formais e informais de ensino, a fim de contribuir para uma igualdade entre as pessoas no tocante as relações de gênero, capacitando docentes numa formação continuada e divulgando através da mídia propagandas contra a desigualdade.

BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, J. S. **A mulher como o Outro e outras representações de feminilidade: Dominação, negociações e disputas de gênero na música popular massiva brasileira.** Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio, 2013.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal.** 2ª ed. Trad. M. E. G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes. 421p. 1997.

BOGDAN, R. C. e BILKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Maria João Alvarez *et al.* (trad.). Porto: Porto Ed., 1994.

FAÚNDES, A. – **Gênero, poder e direitos sexuais e reprodutivos.** *Femina.* 25:661-670. 1996.nº 7

GOMES, N. L. **Educação, raça e gênero: Relações imersas na alteridade.** Cadernos Pagu v.6-7, pp.67-82, 1996.

LEFÈVRE F.; LEFÈVRE, A. M. **Discurso do Sujeito Coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos).** Ed. rev. e amp. Caxias do Sul: EDUCS, Brasil, 2003. 256p.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** 8.ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

MAGALHÃES, F. S. **"Tapinha nada, no meu homi eu dou porrada" – O discurso feminino construindo relações de gênero no funk carioca.** Universidade Federal da Bahia. 2008.

NASCIMENTO, C. G. **"Piriguetes e putões": representações de gênero nas letras de pagode baiano.** Simpósio Fazendo gênero: corpo, violência e poder. In:<<http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/st55.html>>. Acesso em: 05/04/2014.

SCOTT, J. W. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica.** Recife: SOS Corpo, 1991.

QUAD, D. **Feminismo: que história é essa?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

RIO DE JANEIRO. **Gênero e diversidade na escola: formação de professores em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais.** Caderno de atividades, 2009.

ROCHA, J. G.; FAZENDA, S. Ser mulher: no tempo da canção e no tempo social. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, v. 10, n. 36,2011. In:<<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/view/1262>>. Acesso em 06/04/2014.

SEBOLD, LF; WATERKEMPER, R.; MARTINES JG.; MEIRELLES, BHS. **Saúde e gênero: questões e conceitos na produção científica de enfermagem.** Revista Enfermagem UERJ. 2008; 16:415 -0.